

Kohut na David Campista¹

Paulo Roberto Sauberman²

Começo com uma curiosidade: Kohut esteve aqui no Rio de Janeiro em pessoa, num congresso não psicanalítico na década de 60 e, nesta ocasião, a Dra. Marialzira Perestrello o conheceu, e com ele dançou e o guiou num giro de compras para turistas. Suas ideias, entretanto, só apareceram aqui muitos anos depois, na década de 70, trazidas pela Dra. Inaura Carneiro Leão, que viveu nos Estados Unidos algum tempo e lá conheceu psicanalistas ligados ao pensamento de Kohut como Bernard Brandchaft e Robert Stolorow. No retorno formou um pequeno grupo de interessados, a maioria ex-analisados e supervisionados dela, e este é o Núcleo inicial das ideias de Kohut aqui entre nós.

Ela promoveu a vinda destes de Brandchaft e Stolorow ao Rio, bem como a de Evelyne Schwaber. Mais tarde veio Howard Bacal para palestras e supervisões. Do grupo inicial saíram outros grupos e, hoje, já existe algum conhecimento sobre a Psicologia Psicanalítica do Self na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), além da Associação Brasileira para o Estudo da Psicologia Psicanalítica do Self (ABEPPS) com pouco mais de 30 membros aqui no Rio, sendo a única no hemisfério sul fora dos Estados Unidos e Europa, locais onde a Psicologia do Self mais se desenvolveu nos quase 30 anos após a morte de Kohut, em 1981.

Agora, algumas perguntas:

O que é a Psicologia Psicanalítica do Self de Heinz Kohut?

É uma teoria psicanalítica que põe o Self em seu centro, sua formação e manutenção na saúde, ou seu adoecimento e tratamento através da psicanálise. Kohut opõe ao mito edípico (no qual se fundamenta a teoria freudiana do conflito) parte do mito de Ulisses. Este, conforme apresentado em seu trabalho "*Introspecção Empatia e o Semicírculo da Saúde Mental*" de 1981, é a base de um narcisismo reparador que leva à

¹ Trabalho apresentado no simpósio "As escolas psicanalíticas na David Campista" realizado em. A David Campista é a rua onde está localizada a SBPRJ. Este foi o último trabalho apresentado por Paulo Roberto Sauberman e na ocasião foi lido por sua esposa Clara Sauberman.

² (27/08/1939-24/06/2010) Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) e Membro fundador da Associação Brasileira para o Estudo da Psicologia Psicanalítica do Self (ABEPPS).

preservação, ao cuidado dos filhos, à cooperação intergeracional e não necessariamente à rivalidade edípica.³

Kohut usa um instrumento técnico primordial nesta tarefa: a empatia, que é uma maneira de se obter dados sobre a vida interior dos pacientes colocando-se no lugar deles. Há um descentramento na escuta do analista que se exemplifica de forma simples assim. O analista ouve algo do paciente que para ele não faz sentido, parece absurdo ou no mínimo equivocado. Pensa então: ele tem uma lógica que não compreendo, e tenta compreendê-la, e não desqualificá-la ou estabelecer juízo de valor. O paciente tem razão, o analista é que não compreende esta razão. Os pacientes que mais se beneficiam desta abordagem são os que sofrem de transtornos do Self ou transtornos da auto-estima e do sentimento de ser.

Para Kohut, o paciente do final do século 20 é diferente do paciente que Freud conheceu. Este era o Homem Culpado, angustiado pelo conflito pulsão-repressão. O homem de que fala Kohut é o Homem Trágico, aquele que não conseguiu construir uma ideia estável sobre seu Self apesar de ter condições natas para isto, talentos e habilidades específicas, mas não teve do seu ambiente psicológico respostas empáticas, principalmente validadoras de sua condição humana. Por isto, permanece a vida inteira imerso em uma tragédia à procura de si e das respostas de outros, os Selfobjetos (conceito inovador explicado a seguir) que o auxiliam nesta busca.

O Homem Trágico é figurado por Kohut como aquele estraçalhado, tal como se vê nas figuras de Picasso e Braque e se ouve na música não harmônica, atonal. As harmonias de Vivaldi e Bach, músicas que expressam em suas composições a paz, a harmonia de um Self saudável, coeso, vital, contrastam com os sons de Schoenberg, Alban Berg, Stravinsky e Shostakovich, que geram angústia, desconforto e mal-estar pela falta de harmonia que refletem as vicissitudes do Homem Trágico para Kohut.

Outra pergunta:

Há lugar na psicanálise atual para a Psicologia Psicanalítica do Self?

³ Nota dos editores - Ao ser convocado para a Guerra de Tróia, Ulisses tenta escapar simulando um enlouquecimento no qual anda a esmo com o seu arado. Desconfiado, Agamênon manda colocar o filho de Ulisses, Telêmaco, na frente do arado. No momento em que vai passar sobre a criança, Ulisses dirige o arado em um semicírculo que contorna o corpo do seu filho sendo, dessa forma, desmascarado. Kohut também ressalta que após a guerra e o exílio, ao retornar a Ítaca, Telêmaco luta lado a lado com o pai contra os pretendentes de Penélope.

Sim, na medida em que os pacientes que nos procuram não são mais homens neuróticos, culpados, mas sim Homens Trágicos com sérios problemas narcisistas de auto-estima e com a sensação de não serem reais e de não existirem. Vivemos, como diz Christopher Lasch, a Era do Narcisismo, então se faz necessária uma teoria que dê lugar a uma técnica para lidar com tais pessoas. A tragédia do narcisismo: é ficar aprisionado por uma imagem que não sabe se é a dele. Como não sabe quem é, precisa de alguém que o ajude a descobrir quem ele é. Para Kohut este é o drama do paciente narcisista.

Vale a pena ressaltar que, para Kohut, os transtornos narcisistas ou do Self resultam da falta de respostas adequadas do ambiente psicológico e não do excesso de libido fixada em uma fase do desenvolvimento. O transtorno do Self é pré-edípico, fala das dificuldades de sair da trama fusional do narcisismo secundário por um Self que luta para se separar do objeto primário e se estabelecer coeso, vital, harmônico, íntegro e separado.

As excessivas manifestações narcisistas que estão à nossa volta, como o culto à beleza física, o "quero levar vantagem em tudo", são, para Kohut, tentativas desesperadas de construir um Self e longe de ser o excesso que parecem, são resultantes de uma falta de resposta do ambiente psicológico.

Diz Kohut que a pior violência do nazismo nos campos de prisioneiros era a que negava a existência deles, tratando-os como coisas, e não como seres humanos.

Outra pergunta:

O que é ser um analista kohutiano?

É olhar para o estado do Self de seus pacientes como foco principal de atenção em lugar do conflito edípico. É procurar ser empático com seus pacientes, isto é, compreendê-los desde o seu ponto de vista, nada parecido com ser simpático ou amigável, embora ao procurar ser empático, o analista esteja demonstrando um interesse pelo paciente, o que, por si só, pode ser terapêutico em um sentido geral.

É pensar a transferência como uma atividade organizadora, como uma tentativa de criar sentido a partir da experiência relacional da análise (contribuição dos Intersubjetivistas: Stolorow, Atwood e Brandchaft). Este aspecto selfobjetal da transferência serve de suporte para o desenvolvimento do Self e a coesão do paciente.

É, também, considerar uma dimensão conflituosa, repetitiva na transferência na qual o paciente pode reviver com o analista uma experiência traumática de sua vida. A partir daí, identificar as transferências narcisistas como, por exemplo, espelhamento,

idealização, sensação de ser parecido com, através das quais o paciente procurará encontrar as respostas que lhe faltaram na época adequada e explicar ao paciente que ele está procurando agora as respostas que lhe faltaram. Trabalhar com interpretações em dois tempos: primeiro, compreender o vínculo e, depois, explicar ao paciente a repetição pela qual ele procura agora no analista respostas que faltaram da parte do ambiente. Assim, a cura resultará de uma progressiva estruturação do Self e virá menos pela compreensão do que pela explicação. Esta cria o clima para as ressignificações, que são as mudanças possíveis no caminho da cura.

O analista kohutiano também trabalha com o conceito de Selfobjeto que define um objeto que é vivido como parte do Self, e não como outro, e do qual o Self espera receber as respostas de que precisa para sua estruturação. O analista aceita esta função que não tem a ver com a que quer desempenhar, mas sim com a que o paciente necessita que ele desempenhe, e explica isto ao paciente sem mencionar o aspecto de inadequação da demanda, que é inadequada ao hoje, mas busca suprir uma falta do passado.

Assim, diante de um relato exibicionista do paciente, o analista assinala que percebe a necessidade que tem o paciente de ser visto e admirado, o que possivelmente lhe faltou em outros encontros anteriores em sua vida. Não é só o caso de se atender demandas, mas de compreender e explicar.

Uma palavra sobre ódio e agressão:

Para Kohut, a agressão é a resposta a um dano no Self, uma tentativa de restauração da coesão do Self. Ele chama esta manifestação de fúria narcisista. Outras manifestações agressivas não reativas ele considera assertivas. São momentos de afirmação do Self.

Desde as históricas de Freud até os narcisistas de hoje, e desde o aparelho psíquico pulsional fechado que busca descarga até a construção intersubjetiva que propõem hoje Mitchell, Renik e Stolorow, se passaram décadas. Kohut abriu este caminho, embora não o tenha percorrido.

Estas hipóteses intersubjetivas são o ponto de encontro entre o presente e o futuro da Psicanálise a meu ver.

Finalizando:

O que as ideias de Kohut trouxeram à SBPRJ?

A meu ver, opinião totalmente pessoal sujeita a todas as contestações:

- 1 - Resistência e tentativa de desqualificação, a psicologia do amor;
- 2 - Revalorização dos analistas relacionais como Winnicott e Ferenczi;
- 3 - Um olhar menos desvalorizador para a Psicanálise norte-americana, com referências a nomes como Stolorow e Mitchell.

Adendo

Principais ideias de Kohut

1 - Não aceita que a relação de objeto seja uma forma de relacionamento mais evoluída que o narcisismo, cuja consequência seria na análise a cura como dependente da transformação do narcisismo em libido objetal. Propõe linhas de desenvolvimento separadas para o narcisismo e a libido objetal diferentes, mas não independentes. Assim, o narcisismo seria transformado em formas mais maduras do que o narcisismo primário como, por exemplo, empatia, humor, sabedoria no sentido de contemplar a relatividade das coisas na vida e aceitar a morte como parte integrante da existência.

2 – O conceito de Self não resulta de uma ideia abstrata, é sempre próximo à experiência. A aproximação íntima que permite a apreensão do Self se faz por empatia que, por sua vez, determina o campo de observação na psicanálise clínica.

3 – O narcisismo é caracterizado por seu modo particular de vivenciar o objeto como parte de si mesmo - o Selfobjeto. Esta forma de vinculação está diretamente relacionada com os transtornos de auto-estima.

4 - Para Kohut, cada sujeito tem um capital transferencial que provém de duas Origens:
a) dos defeitos originados pelas falhas empáticas do objeto, indisponibilidade para satisfazer as necessidades básicas do bebê, espelho, identificação, similitude; b) dos conflitos edípicos.

5. Não crê na hipótese do instinto de morte.

6. Cria o conceito de Homem Trágico que procura seu destino.

7. Estuda o contexto mutável em que a Psicanálise se desenvolve em cada época para perceber quais as demandas de cada tempo. Atualmente, a necessidade da presença do

semelhante, a compreensão e a disponibilidade dos objetos. Em Freud: conhecimento, saber e independência.

Paulo Roberto Sauberman (1939-2010)